

# À procura das estátuas da cidade-monumento

Numa cidade com “cabeça, tronco e rodas”, pouca gente presta atenção nas estátuas espalhadas pelas avenidas e praças

Carlos Alberto Silva

Monumental por natureza, Brasília é uma cidade à cata de seus monumentos. Não que eles sejam poucos, mas a silhueta da cidade contribui para que estátuas, esfígies, relógios de sol e hermas, como que ficam diluídos na paisagem. Monumentos somem no monumental, e até mesmo na paisagem natural, onde o verde do cerrado, feito pelas mãos de Deus, engole o que o buril e o bronze tentam demonstrar, pelas mãos do homem.

Mas as estátuas existem. Estão por aí. Obvias, algumas; outras, escondidas. Como o *Dinamismo Olímpico* de Bruno Giorgi, no Nilson Nelson, ou a *Herma de Olavo Bilac*, de H. Cozzo, no jardim do Elefante Branco. Ou ainda o *Sonho de Dom Bosco*, o *Profeta*, traduzido por Ange Falchi e compartilhado apenas pelos VIPs hóspedes do Hotel Nacional, onde a estátua está fincada.

Há de todos os temas. Estátuas de pertinência e gosto duvidoso; outros, de beleza inquestionável. Como o *Meteoro*, de Bruno Giorgi, sofisticadíssima em suas 72 toneladas, ilha inusitada e bela no espelho d'água do Itamarati. Ou ainda o *Espaço Cósmico* de Yutaka Toyota, que veio pessoalmente, ano passado, para ajudar o GDF na reforma da escultura que criou, em aço e concreto, e que, desde 1970, foi plantada no balão do Aeroporto. Pena que tão poucos a conheçam.

Aliás, os brasilienses — esses estranhos seres de cabeça, tronco e rodas — conhecem muito pouco os monumentos de sua cidade. Principalmente os marcos que ficam fora da rota cotidiana de seus carros. Estátuas sem culpa de não estarem na reta das rodas que rolam a vida candanga.

**Os Candangos nasceram como Guerreiros.**

**A troca de nome foi pedida pelos operários que construíram Brasília.**

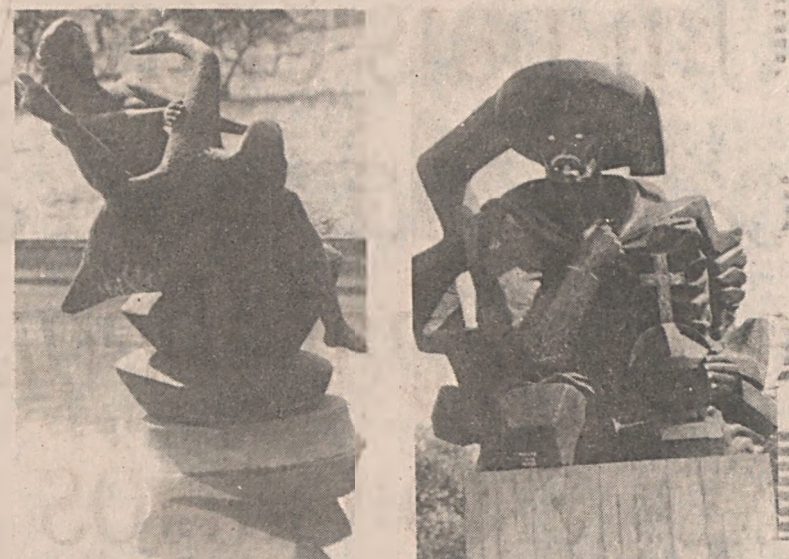
**Bruno Giorgi, o pai dos Candangos, aceitou**

Ilustres desconhecidos — Do mesmo jeito que ninguém sabe quem fez o relógio de sol da Torre de TV; a pedra fundamental da cidade, no Morro do Centenário, em Planaltina, o cruzado do Eixo Monumental, ou mesmo o obelisco da Ponte Costa e Silva, também têm autor desconhecido a *Loba Romã* do Buriti; o *Monumento ao Infante Dom Henrique*, em frente à Embaixada de Portugal; ou a *Sereizinha* de um metro de altura, reprodução de uma estátua de Kopenhagen, que fica em frente ao Ministério da Marinha, mesmo sendo de propriedade do MEC. Ou, por fim, a *Herma do Marechal Rondon*, na Esplanada.

Esses ilustres desconhecidos da escultura candanga, podem até não ter autor catalogado, mas sempre têm uma história interessante. Como a *Herma do Presidente Juscelino Kubitschek*, por exemplo. Foram os antigos moradores do antigo bloco do IAPETEC, na 206 Sul, que a mandaram construir no Arsenal de Marinha, e até hoje cuidam dela com fervor religioso. É normal, ainda agora, se encontrar velas acesas e oferendas de flores por ali, como se JK fosse uma divindade, o santo de casa milagreiro.

Muita gente, de Brasília e mesmo de fora dela, cultua como santo o ex-Presidente Juscelino. Quando a cabeça dele, criada por J. Pedrosa e exposta na Praça dos Três Poderes, estava sendo restaurada, as pessoas passavam, se benziam e faziam orações. A maioria, de excursões em visita a Brasília, gente impressionada com o milagre de uma cidade que parece ter surgido como por encanto e graça de um guerreiro. Para esses fiéis, Juscelino construiu Brasília do nada.

**Vocações cósmica** — Brasília é uma



Detalhe de As Banhistas e a estátua de D. Henrique



A estátua de Santos Dumont está no aeroporto



A Sereizinha na Esplanada e o Solarius na Saída Sul

cidade mística, com os olhos voltados para o céu tão perto, muito mais do que em qualquer outro canto do país. Planalto místico, ela reflete o estilo de muitas estátuas que se espalham pelo seu espaço. Além dos já citados *Meteoro*, de Bruno Giorgi, no espelho d'água do Itamarati, e do *Espaço Cósmico* de Toyota, no balão do Aeroporto, a *Força Espacial no Plano*, de Enio Ionni, pontua também, nos jardins do Palácio do Buriti, com seus quase três metros de altura e 90 quilos de peso. Ou ainda a *Era Espacial*, de Alexandre Wakenmitch, super imponente e pertinente em seus 15 metros verticais, bem a propósito, na Torre de TV.

Essa cosmicidade mística impregna, até mesmo, estátuas de temáticas bem mais terrenas. Em uma primeira olhada, a *Índia Bathira* de Vitor Brecheret, no auditório Dois Candangos da UnB, parece mais um ser extra-terrestre — quem sabe, larvar — do que, propriamente, uma silvícola brasileira. Essa leitura vária, vira estigma de outras estátuas, como a “tesourinha” e o “tesourão”, respectivamente o *Ritmo dos Ritmos*, escultura de Maria Martins plantada no jardim interno do Palácio da Alvorada — e o badaladíssimo *Solarius*, de Ange Falchi, na BR 40, Núcleo Bandeirante. Por mais que o *release* diga o contrário, elas serão sempre monumentos que cada um lê como quer ou pode.

Mais comedido e realista foi Oscar Niemeyer. Só existe um escultura dele

## A madrinha das estátuas

Zilah Messéder é a expert em monumentos do Patrimônio Histórico e Artístico do GDF. Uma especialista em estátuas, das quais é a encarregada de zelar e buscar recursos para a sua preservação contínua. Por isso mesmo, ela tem muitas histórias para contar.

E sugestões a fazer: “A *Solarius*, por exemplo. Essa estátua, fica num lugar bastante ermo, na antiga “Saia Velha”, a primeira usina de Brasília. Pela própria localização difícil, é quase impossível para nós mantermos a conservação da estátua. Os vândalos de plantão, fazem dela seu ponto principal; roubaram a placa de bronze que o governo francês mandou, vivem pixando a estátua, jogando pedras. O ideal, seria que alguém, do Detur ou da iniciativa privada, instalasse ali um comércio, um posto de turismo, que se transformassem num ponto oficial de entrada e saída de Brasília. Assim, o local seria mais frequentado e seguro”.

na cidade que seu gênio de arquiteto projetou e transformou numa escultura como um todo. O pombal que Niemeyer criou e a cidade exhibe, na Praça dos Três Poderes, é justamente isso: um *Pombal*.

**Ceschiatti** — Embora tenha sido

*Solarius* é um monumento internacional, foi feito em Nice, na França, em 1963, ganhou prêmio em Paris, foi exposto no Rodin, em 1965, e desde 1967 está em Brasília. É uma instituição do Distrito Federal. Zilah só não lembrou que a estátua é também folclórica, e que Brasília, por não entender direito o que ela propõe, acha mais graça dela do que nela.

Em tempo: a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos andou consultando Zilah sobre um projeto que ambiciona popularizar as estátuas e demais monumentos de Brasília. Em setembro, a ECT vai lançar uma série de selos internacionais com a estampa de todos os monumentos de Brasília, que distribuirá por todo o País e pelo mundo inteiro. A idéia é fazer com que as estátuas saiam do protocolo, e passem para o popular. E que elas fiquem mais perto das pessoas, para as quais foram feitas. (Carlos Alberto Silva)

Bruno Giorgi o autor da estátua *Os Guerreiros* (que ele concordou mudar o nome para *Os Candangos*, a pedido dos próprios), é Alfredo Ceschiatti o recordista de estátuas feitas e aprovadas por Brasília. Ceschiatti, aliás, é considerado o escultor oficial da ci-

dade, mesmo que a maioria dos cartões postais da Capital traga, quase sempre os tais guerreiros candangos, de Giorgi.

Foi só uma questão de escolha pessoal, sabe-se lá de quem. São obras de arte com a cara de Brasília, as que Alfredo fez, e que qualquer cartão postal oficial registraria numa boa. Vide *A Contorcionista*, para sempre em performance nos jardins internos do Teatro Nacional. Ou a escultura que Ceschiatti fez de Dom Bosco, e que está na ermida do padre, no Lago Sul. Ou a série de estátuas que se espalham pela Catedral. Justiça seja feita a Ceschiatti, e feita por ele, através de sua própria arte.

Falando em ser justo, Ceschiatti fez a escultura *A Justiça*, que está em frente ao Superior Tribunal Federal O STF, a propósito, assumiu o GDF a responsabilidade de manutenção, conservação e segurança da estátua. Nada mais justo, ou mais exemplar. Mas, nem mesmo o escultor oficial da cidade escapou da irreverência popular. Alfredo Ceschiatti, batizou a estátua que fez para o espelho d'água do Palácio da Alvorada — de “As Banhistas”, outra escultura que mereceu um postal. Mas os brasilienses cismaram de chamar a estátua de *Iaras*, em seu afã religioso, sincretismo puro. “As Banhistas”, brigava o escultor, “As Iaras”, teimava o vulgo. Ficaram os dois nomes, mas o que valeu foi a beleza da estátua.